



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS

Amanda Lamego Machado

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Lima de Souza

Rio de Janeiro

Mai 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Amanda Lamego Machado

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marta Lima de Souza

Rio de Janeiro

Mai 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS

Amanda Lamego Machado

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito
parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Marta Lima de Souza

Professor (a) Convidado (a): Prof.^a Dr.^a Rejane Maria de Almeida Amorim

Professor (a) Convidado (a): Prof.^a Me. Amanda Guerra de Lemos

Rio de Janeiro

Mai de 2018

DEDICATÓRIA

**Dedico este trabalho sobre literatura
e formação de leitores pelo amor que
tenho a este universo que me levou a ser
em essência quem eu sou.**

AGRADECIMENTOS

Lembro-me do primeiro dia em estive na Universidade Federal do Rio de Janeiro quando fui realizar minha matrícula foi o momento mais feliz da minha vida, agradeço a minha fé de acordar todos os dias para perseguir os meus sonhos.

Agradeço minha família, por acreditar e apoiar meus objetivos, ajudar nas horas de dificuldade. Às minhas amigas que a Universidade me presenteou como pessoas que se tornaram fundamentais na minha vida, obrigada: Michele, Gabriela, Ingrid, Pollyana por compartilhar cada momento, por fazer parte da minha trajetória em meio a tantas lutas.

Agradeço à Luan de Sena, meu namorado, meu amor que acompanhou toda a minha graduação, por me dizer nos momentos de dúvida que tudo que sonhamos é possível, basta escolhermos nos movimentar para que possamos construir nossos sonhos.

Agradeço à minha amiga Amanda Dantas, que passou o Ensino Médio comigo, que é uma irmã que sempre me apoia e renova minhas energias, uma amiga que está comigo independente de qualquer situação um presente do Universo. Agradeço Yasmim Gomes que, mesmo longe, sempre esteve perto e apoiou minhas escolhas e segue junto aos meus sonhos.

Agradeço ao encontro com a minha orientadora Marta, pois foi um achado uma preciosidade cursar a disciplina de Literatura Infantil e achar a pessoa certa para conduzir a minha pesquisa. Professora Marta, obrigada por ser tão gentil amável e uma grande educadora.

Agradeço aos professores da Universidade Federal do Rio de Janeiro que construíram a profissional que sou hoje.

Agradeço a oportunidade de participar do projeto de extensão “Encontros numa sala de leitura” que foi o princípio para a minha escolha em realizar a pesquisa na literatura.

Agradeço a literatura, este mundo que move quem eu sou, me forma e transforma todos os dias da minha vida, sem a Literatura eu não seria quem eu sou. A Literatura me salva todos os dias.

“Entenda os seus medos, mas jamais deixe que eles sufoquem os seus sonhos.

(Alice no País das Maravilhas Lewis Carroll)

“Palavras são, na minha nada humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia.

(JK Rowling)

RESUMO

A formação de leitores literários na escola é amplamente refletida e discutida nas modalidades de Educação Infantil e Ensino Fundamental, e na Educação de Jovens Adultos - EJA? A pergunta da pesquisa foi: existe formação de leitores literários na Educação de Jovens e Adultos? A partir desta pergunta ampla e por tratar-se de uma pesquisa qualitativa (Ivenick;Canen, 2016) foram pesquisadas as políticas públicas destinadas à EJA em relação ao tema, às práticas de formação de leitores, ao que os docentes pensam sobre a formação de leitores na EJA. O referencial teórico apoiou-se, principalmente, em Cândido (1998) que afirma ser a literatura um bem humano indispensável. A metodologia consistiu em uma pesquisa documental e na realização de entrevistas com duas professoras da EJA sobre a leitura literária. Os resultados da pesquisa evidenciaram que existem ações para que a formação de leitores seja efetiva com os alunos na EJA por meio de políticas públicas, de professoras que refletem e planejam estas ações, da escolha dos acervos e de outras práticas. Desta forma, concluímos que a formação de leitores literários com base nas duas entrevistas realizadas é uma prática efetiva na Educação de Jovens e Adultos, segundo os dados da pesquisa.

Palavras-chave: Formação de leitores, Educação de Jovens e Adultos, Leitura literária.

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo I: Literatura, Breve Histórico e PNBE com Jovens e Adultos.....	12
1.1-Literatura e EJA.....	12
1.2- Breve Histórico de Literatura no Brasil e a EJA	19
1.3 Políticas Públicas de Formação do leitor na EJA.....	22
Capítulo II: Formação do leitor da EJA no chão da escola.....	24
2.1 – Breve revisão de Literatura relacionada à formação do leitor na Educação de Jovens e Adultos...24	
2.2- Literatura e EJA: Caminhos da pesquisa.....	25
2.3-Análise das Entrevistas.....	27
2.3.1- Prática de formação de leitores.....	27
2.3.2-Seleção de livros : Acesso e qualidade das obras.....	31
2.3.3- A formação de leitores: EJA e Literatura.....	33
2.3.4-Políticas de incentivo a formação de leitores na escola.....	34
2.3.5- Produções Literárias.....	35
Capítulo III: Resultados- A visão das docentes sobre a formação do leitor literário na EJA....	37
3.1- Práticas de formação de leitores.....	38
3.2-Políticas de formação de leitores.....	39
3.3-Formação de leitores.....	40
3.4-Produções literárias.....	41
Considerações Finais	42
Referências	44
Anexos	45

INTRODUÇÃO

Este trabalho discutiu a formação do Leitor Literário na Educação de Jovens e Adultos - EJA, defendida na pesquisa como uma formação primordial para qualquer ser humano. A formação de leitores literários é importante para o desenvolvimento crítico e reflexivo. A possibilidade de apreciação da literatura de maneira mais ampla e rica é favorável para o desenvolvimento do exercício de se colocar no lugar do outro e para a ampliação da visão do mundo, sob diferentes perspectivas.

No presente trabalho levei em conta minhas experiências pessoais e estudos teóricos, percebi que a discussão sobre a literatura permeia inúmeras modalidades de ensino, porém quando se pensa na Educação de Jovens e Adultos a formação do leitor está vinculada quase que exclusivamente com relação à alfabetização de crianças. A pesquisa investigou qual o espaço da formação do leitor literário na Educação de Jovens e Adultos. Foi preciso buscar as políticas, as práticas em salas de aula, os acervos, analisar e refletir sobre a formação do leitor literário na Educação de Jovens e Adultos, inclusive segundo às perspectivas dos profissionais que atuam nesta modalidade de ensino. A Literatura faz parte da realidade humana e auxilia na compreensão do mundo e do nosso lugar nele, precisando, portanto, ser discutida no sentido amplo da formação do ser humano.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino da Educação Básica no Brasil. O seu objetivo é oferecer formação escolar para pessoas que não tiveram acesso à escolaridade estabelecida pela lei para a conclusão do ensino básico e que, por inúmeros motivos, precisaram entrar no mercado de trabalho antes da conclusão de seus estudos, como, por exemplo, para contribuir na subsistência da família.

Os alunos que estão inseridos nesta modalidade já possuem um histórico de exclusão de direitos, seja na falta de oportunidade de estudar do idoso ou dos jovens que precisam trabalhar e não conseguem terminar sua formação. Além de estarem durante muito tempo de suas vidas excluídos do direito à Educação Básica, vivem a exclusão de outros direitos como saúde, lazer, moradia. A desigualdade social, o preconceito e a educação de qualidade precária constituíram, na maioria das vezes, o cenário de formação

histórica do Brasil de exploração e de negação de direitos para uma grande parcela da população e enormes privilégios para uma pequena parcela.

Defendendo a ideia de que estas pessoas possuem o direito à Educação de qualidade para sua formação humana e profissional, estendida a outros direitos básicos que constituem a efetiva cidadania como saúde, lazer, moradia, alimentação, a proposta de meu objeto de estudo compreende também o direito à Literatura com o direito humano e necessário, como é defendido por Antônio Cândido (1995). Portanto, o objetivo da pesquisa, em um campo previamente escolhido, é analisar qual é o espaço de formação do leitor literário na EJA, de modo a contribuir com pesquisas futuras acerca da formação de leitores no Brasil, e sua importância em qualquer etapa da vida de um cidadão.

Neste sentido, fomos em busca de autores que pudessem constituir as bases para justificar a importância da formação de leitores na Educação de Jovens e Adultos. Consideramos que a formação literária é capaz de desenvolver amplamente o ser humano, seja nas habilidades cognitivas, como na apreciação da literatura como uma forma de arte que pertence ao conhecimento desenvolvido e acumulado pela humanidade, assim como na reflexão e crítica.

A pesquisa se justifica no sentido de dar destaque a importância do Leitor Literário, com o enfoque na Educação de Jovens e Adultos. Durante o desenvolvimento do curso de Pedagogia, levando em conta as minhas experiências na faculdade, na participação em um projeto de extensão de formação do Leitor, e com os estudos, observei que grande parte das pesquisas sobre Literatura eram realizadas em outras modalidades de ensino. Há inúmeros estudos sobre a formação de pequenos leitores, bem como incentivos a leitura nos adolescentes do Ensino Médio, contudo a formação do Leitor na EJA ainda era/é pouco discutida.

A pesquisa que realizei teve o objetivo de contribuir para ampliar esta discussão, assim como falar sobre o direito à Literatura, refletir sobre a quem este direito pertence, inclusive questionando a desigualdade social em relação ao acesso de direitos. Além disso, a pesquisa enfocou a formação do Leitor Literário, uma vertente diferente da que é frequentemente pesquisada na EJA que é a alfabetização, a formação do leitor literário como um direito defendido por Cândido.

Compreendemos que a Literatura constitui-se em uma dimensão importante para a formação humana devido às suas características de fruição, alteridade, reflexão de seu lugar no mundo e na sociedade, de satisfação da necessidade humana de fabulação, como discute Candido.

As questões que orientaram o estudo foram, inicialmente, pesquisar quais eram as práticas de formação do leitor literário na Educação de Jovens e Adultos. Minha hipótese era de que as boas práticas eram fundamentais para a formação do leitor, que práticas eram essas, e de que maneira eram pensadas para o público da EJA.

Da mesma maneira que as práticas são importantes quando pensamos na formação do leitor literário em cada modalidade de ensino, algumas perguntas relevantes para a pesquisa foram: quais formas de literatura estão presentes na EJA? De que maneira contribuem para a formação de leitores? Como o acervo literário disponível nas escolas apoia à formação de leitor literário na EJA? Pois, entramos em uma questão fundamental que reflete os recursos para a aquisição de obras literárias, por isso, o estudo abordou, brevemente, algumas políticas de apoio à formação do leitor literário na EJA.

Os docentes são parte importante da formação dos alunos, em especial, como mediadores para formar leitores, portanto, uma das metas da pesquisa foi analisar o que os professores que atuam na EJA acreditam ser a formação do leitor e o que faz parte dela nesta modalidade de ensino.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender como constitui-se a formação do leitor literário na EJA. Os objetivos específicos buscaram analisar a existência ou não da formação do leitor na Educação de Jovens e Adultos, assim como a analisar práticas de formação dos alunos como leitores. Em relação à metodologia, esta pesquisa foi de cunho qualitativo (Ivenick, Canen, 2016) e desenvolveu-se por meio de leituras técnicas, de entrevistas realizadas com professoras que atuam na modalidade, foram gravadas em áudio, transcritas e posteriormente analisadas acerca das questões que permeiam a pesquisa, conforme anexo. As escolas localizam-se no Município do Rio de Janeiro.

Esta monografia organiza-se em três capítulos. No Capítulo I, Literatura, Breve Histórico e PNBE com Jovens e Adultos, trato de apresentar definições sobre Literatura e os teóricos que embasam o estudo, assim como um resumo do histórico da Literatura no Brasil e um tratamento breve sobre políticas públicas de incentivo à formação de leitores. No Capítulo II, Formação do leitor da EJA no chão da escola, abordei como foi realizada

a pesquisa, a escolha da metodologia e como realizei a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas com as duas professoras. No Capítulo III, intitulado Resultados: A visão dos docentes sobre a formação de leitores na EJA, apresentei as categorias criadas a partir do material de pesquisa, destacando os resultados obtidos com base nos objetivos que foram propostos no estudo. As Considerações Finais apresento os resultados da pesquisa segundo os objetivos iniciais e as entrevistas realizadas com as professoras. Nos anexos, estão o roteiro de perguntas realizado em ambas as entrevistas.

Capítulo I

Literatura, Breve Histórico e PNBE com Jovens e Adultos

1.1- LITERATURA E EJA

Neste capítulo, vamos definir literatura e EJA. Para definir literatura, trazemos alguns autores como Cademartori (1986), Lajolo (1989), Cândido (1995).

Ao apresentar que a preocupação de se vincular a literatura à educação das crianças não foi no sentido de construção crítica, mas como uma ferramenta que poderia suprir a necessidade de uma expansão do domínio linguístico, Cademartori expõe que, se a função da literatura fosse apenas um instrumento paradidático, ela seria apenas um instrumento útil à escola, contudo afirma que:

A sua importância, porém, se dimensiona à medida que questiona os convencionalismos de interpretação e comportamento e apresenta novas perspectivas. Se, adquirindo o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. É nessa dimensão que ela se constitui em um meio emancipatório que a escola e a família, como instituições, não podem oferecer (CADEMARTORI, 1986, p. 19/20).

Diante das afirmações de Cademartori, é importante relacionar que se a literatura em seu sentido amplo tem a capacidade de ampliar as possibilidades, sociais, políticas e educacionais seria essencial também a sua valorização em qualquer etapa da vida humana.

Se sua dimensão pode ser emancipatória é de extrema importância a formação do leitor na Educação de Jovens e Adultos, exatamente pelo contexto de seu público, podendo desvelar e desenvolver a capacidade de crítica diante da realidade, frequentemente desigual, já que aqueles que cursam a modalidade, de alguma forma, e em algum momento, não exerceram seu direito de estarem no mundo da educação. Inúmeros motivos podem responder o porquê de tal exclusão, como a necessidade de trabalhar, por exemplo, o que promove desigualdade em relação àqueles que concluíram a Educação Básica.

A Literatura, aos poucos, poderia ter uma influência nos jovens e adultos para pensar outras possibilidades e os instigarem a participar ativamente da sociedade, como cidadãos de direitos e com capacidade de transformação.

Lígia Cademartori conceitua a Literatura como:

A obra literária recorta o real, sintetiza-o interpreta-o através do ponto de vista do narrador ou do poeta. Sendo assim, manifesta, através do fictício e da fantasia, um saber sobre o mundo e oferece ao leitor um padrão para interpretá-lo. Veículo do patrimônio cultural da humanidade, a literatura se caracteriza, a cada obra, pela proposição de novos conceitos que provocam uma subversão do já estabelecido (CADEMARTORI,1986, p.22/23).

Segundo Marisa Lajolo, a literatura constitui-se de poemas ou histórias contadas por mães, que podem ser consideradas literatura. Lajolo expõe sobre a cidadania literária, que é quando seu livro é ou não reconhecido, quem escolhe quais obras têm direito a esta chamada cidadania literária. Relacionado a isto, é importante refletir acerca de abrir as fronteiras além das obras legitimadas, mas para as obras que não são tão conhecidas. Ainda mais importante é valorizar as produções dos alunos como um caminho para expressar seus próprios sentimentos e se sentirem autores também.

Segundo a autora, definir literatura é extremamente difícil, inclusive para aqueles que são estudiosos de anos acerca do assunto. Difícil, pois existe uma grande variedade de “literaturas”. Assim, Lajolo define que: “A obra literária é um objeto social. Para que ela exista, é preciso que alguém a escreva e que outro alguém a leia. Ela só existe enquanto obra neste intercâmbio social” (LAJOLO,1994, p16.).

Diferentemente de Cademartori, Lajolo compreende a literatura como um objeto e uma construção social, portanto, amplia o conceito e a dificuldade de defini-lo, mas também reconhece a existência de outras literaturas. Nessa linha, Lajolo vai afirmar que:

(...) o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisam ler muitos (LAJOLO,1994, p.106).

A literatura possui grande importância para a apreensão da capacidade de interpretação, reflexão, na compreensão e construção de significados na realidade e na relação das práticas sociais da vida.

A compreensão de Lajolo sobre literatura alia-se às ideias de Cândido que se constituem uma das minhas bases teóricas principais, visto que o autor compreende a

literatura como necessidade básica na humanização do homem, aproximando-se assim das questões vividas pelos estudantes da EJA.

O objetivo da modalidade de ensino da EJA é efetivar o direito à educação do público que não pôde cursar o ensino básico no tempo indicado nas leis brasileiras. Os motivos históricos sociais da existência de pessoas que foram excluídas da Educação foram e são no Brasil, em geral, a pobreza que obriga jovens e adultos e também idosos a trabalharem para sobreviver, no tempo que seria o da escola.

Assim como descrito nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos e de acordo com a Lei 9.394/96, a EJA passou a ser uma modalidade da educação básica nas etapas do Ensino Fundamental e Médio, e como uma educação para um público diferenciado ganhou um caráter de especificidade. O parecer CEB (11/2000) estabelece as diretrizes curriculares da EJA, afirmando que: “A Educação de Jovens e Adultos é uma categoria organizacional constante da estrutura da educação nacional, com finalidades e funções específicas” (BRASIL, 2000, p.5).

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos, apesar de excluídos de um bem simbólico importante desenvolvido pelo homem, também são pessoas que desenvolveram uma forma de ler o mundo e de estar nele, com sua cultura, seu trabalho, suas formas de arte, e mesmo com as dificuldades enfrentadas em uma sociedade que se constitui predominantemente grafocêntrica. Assim, as Diretrizes abordam que mesmo neste contexto é preciso considerar sua cultura e sua forma de estar no mundo, conforme o trecho a seguir:

De todo modo, o não estar em pé de igualdade no interior de uma sociedade predominantemente grafocêntrica, onde o código escrito ocupa uma posição privilegiada revela-se como problemática a ser enfrentada”. Sendo a leitura e a escrita bens relevantes, de valor prático e simbólico, o não acesso a graus elevados de letramento é particularmente danoso para a conquista de uma cidadania plena (BRASIL, 2000, p.6).

É preciso refletir acerca dessa citação do parecer (11/2000), mais uma vez ressaltando a importância da leitura e escrita, como também do letramento. Pode-se pensar, então, que o desenvolvimento de leitores literários entra também nessa reflexão, com uma grande importância para a formação humana.

A origem do cenário de exclusão da leitura e escrita e de outros conhecimentos primordiais para a vida do homem têm relações histórico-sociais. Em nosso país, durante

muitos anos, a educação foi negada a pessoas que naquele momento histórico eram vistas como inferiores por serem escravizadas, indígenas, trabalhadoras que não tinham direito a uma cidadania completa, ou seja, eram excluídas do acesso aos direitos humanos básicos. Contudo, a efetivação do direito humano à Educação não deve ter restrição de etnia, gênero, orientação sexual, gênero, etc.

Apesar de garantida por lei, a exclusão dos direitos à educação e da cidadania plena perpetua-se para as gerações atuais devido a uma construção histórica no Brasil fincada em um ciclo de desigualdades e obstáculos para o acesso à escola e permanência nela, incidindo sobre a educação em geral, mas, também sobre as artes e à literatura, por meio de apreciação, fruição e consumo de leituras literárias.

O parecer 11/2000 enfatiza que reparar esta realidade histórica e ainda presente é um dos principais objetivos finais da EJA, neste sentido:

A função equalizadora da EJA vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais como donas de casa, migrantes, aposentados e encarcerados. A reentrada no sistema educacional dos que tiveram uma interrupção forçada seja pela repetência ou pela evasão, seja pelas desiguais oportunidades educacionais de permanência ou outras condições adversas, deve ser saudada como uma reparação corretiva, ainda que tardia, de estruturas arcaicas, possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho na vida social, nos espaços da estética e na abertura dos canais de participação (BRASIL, 2000, p. 9).

É fundamental entender como e quando surgiram as desigualdades que levam à exclusão de uma parcela da população por não ter acesso à Educação, assim como à literatura. Refletindo sobre sua origem e as causas é possível pensar o quanto a realidade histórica demonstra uma necessidade de garantia do direito à Educação de qualidade para a formação de uma sociedade menos desigual, aliada aos outros direitos básicos, todos entrelaçados na formação humana plena. Antônio Cândido em sua obra escreve que a literatura é:

Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação (CÂNDIDO, 1995, p. 174).

Cândido também define amplamente o que é Literatura em seu texto:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade em todos os tipos de uma cultura, desde o chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CÂNDIDO, 1995, p. 174).

Aproximo assim meu objeto de pesquisa do meu referencial teórico, visto que discutimos a formação do leitor literário na Educação de Jovens e Adultos, aqui como um direito humano, levando em conta que o meu objeto de estudo busca compreender qual o espaço da formação do leitor na EJA, no sentido de formação humana, para a fruição, empatia reflexão e crítica.

Ampliando o aspecto da língua escrita que é realizada em muitas ocasiões na escola, apesar de ser um aspecto fundamental, não deve ser apenas este enfoque. A formação do leitor, da perspectiva que discuto na pesquisa, é fundamental para a construção do pensamento crítico, do ensino da arte, de reflexão sobre o mundo, além da satisfação essencial de uma característica humana que é uma fabulação. Algumas questões iniciais passam pela minha pesquisa como: Os professores que atuam na EJA pensam no público da EJA como sujeitos com este direito?

Cândido apresenta o conceito de bens compressíveis e incompressíveis para argumentar a favor do direito à literatura de todos os sujeitos. Os bens incompressíveis são essenciais à vida humana, sendo aqueles como alimento, moradia, casa. O autor argumenta que o direito ao acesso à literatura é um bem incompressível, pois a capacidade de fabulação é inerente ao homem, pois coloca-o no lugar do outro, de refletir sua realidade e sobre outras possíveis realidades, desenvolvimento este necessário à vida humana em sociedade e à sua natureza de apreciar e viver a cultura.

Esta definição do que é ou não um bem necessário ao ser humano relaciona-se diretamente com as divisões de classes sociais e o sentimento de pertencimento, como o que é refletido como direito das pessoas em relação à sua classe social. Observei, assystematicamente, em algumas experiências relatadas por colegas do curso em estágios obrigatórios ou por professores, um sentimento de não pertencimento de seus direitos, e

no caso deste trabalho, de que o aluno da EJA não se reconhecia como sujeito de direito à literatura e à sua formação plena como leitor.

Cândido ainda discute um outro conceito importante para entender como a literatura é fundamental para a formação do homem, é o conceito de humanização, em sua obra entendido como: “(...) por humanização o processo que confirma o homem aqueles traços que consideramos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo” (CÂNDIDO, 1995, p.182).

Diante da argumentação do autor e do fato da capacidade de fabulação ser característica natural do ser humano, a Literatura se constitui um direito, portanto, um bem incompressível. Assim como a relação direta da formação do leitor torna-se fundamental para a formação humana do homem, que permite o desenvolvimento de uma compreensão maior do mundo de si mesmo, pois como afirma Cândido: “A literatura pode ser instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual” (CÂNDIDO, 1995, p.122).

A citação destacada no parágrafo acima, o autor afirma a importância da literatura como um instrumento de desenvolvimento da crítica inclusive ao que está posto na sociedade, é fundamental compreender que esta ideia é muito importante para o público da Educação de Jovens e Adultos, por sua situação em geral de desigualdade na sociedade, os alunos de EJA ao poderem acessar a literatura e desenvolverem seus pensamentos críticos e reflexivos da sociedade podem entender melhor sua identidade, sua posição no mundo e lutar assim por seus direitos como cidadãos, como podemos afirmar na citação a seguir:

Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo (CÂNDIDO, 1995, p.177).

Dialogando com a citação de Cândido, observo que o público-alvo sofre com a negação de direitos, incluindo o acesso à uma boa formação em literatura. Se a formação literária desenvolve a capacidade crítica reflexiva, formação, inclusive cultural, e

apreciação da arte e da cultura, constitui um instrumento para entender o mundo, e se colocar no mundo.

Na citação abaixo, o autor defende que a capacidade de fabulação que existe na literatura faz parte do homem, a criação ficcional e poética está presente em todos independentemente de qualquer posição social. Então, se é parte da natureza humana porque o direito ao acesso à literatura é negado a uma parcela da população? O que confirma sua defesa da satisfação do acesso à literatura por todos, inclusive daqueles que se encontram na EJA, pois é uma característica importante do homem, portanto não deve ser negada:

Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco (CÂNDIDO,1995, p174/175).

Neste sentido, Candido também defende que a literatura é a necessidade universal que precisa ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, conforme trecho a seguir:

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos, e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CÂNDIDO,1995, p.186).

Neste momento relaciono as duas ideias do que se constitui o direito à literatura, defendida por Candido, à ideia do que quer dizer a importância do Ato de Ler, de Paulo Freire. As ideias apresentadas até aqui como bases para a pesquisa de formação de leitores na Educação de Jovens e Adultos têm o discurso fundamental do desenvolvimento de nossa capacidade crítica de como vemos e nos colocamos no mundo:

Me parece indispensável, ao procurar falar de tal importância, dizer algo do momento mesmo em que me preparava para aqui estar hoje; dizer algo do processo em que inseri enquanto ia escrevendo este texto que agora leio, processo que envolvia uma compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da

linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo (FREIRE, 1989, p.9).

Freire ao dizer que o “ato de ler” não se extingue apenas na decodificação confirma a importância da discussão acerca da formação do leitor literário na EJA de forma que aborde aspectos da formação humana, ampliando a visão da aquisição do código escrito, valorizando também o direito de todos a formação literária rica que possa ampliar o desenvolvimento humano dessas pessoas.

Quando Freire descreve sua infância, seu lar, sua vida, ele traz um exemplo para ampliar o significado do “ato de ler”, ultrapassando apenas a técnica para a escrita e a compreensão do código, colocando a leitura, assim como também a literatura, com um significado maior de desenvolvimento humano significativo.

O quanto a leitura do mundo tem ampla relação com a linguagem? Posso destacar que a experiência rica dos alunos pode significar em sua formação como leitor, Freire destaca que em seu processo de alfabetização precedido da leitura de seu mundo foi:

A decifração da palavra fluía naturalmente da leitura do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando supostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro, gravetos, o meu giz (FREIRE, 1989, p.11).

A relação que Freire faz da leitura do mundo com a leitura da palavra encontra posições parecidas com as ideias de Candido, ao constatar a importância de como a pessoa se coloca e entende o mundo, e como este entendimento é importante para a aprendizagem real da linguagem, da leitura e escrita de forma ampla.

Um exemplo que tem uma grande riqueza ao se pensar na formação de leitores na Educação de Jovens e Adultos é a Literatura de Cordel, em grande parte relacionada às experiências de vida deste público, conseguindo fazer com que o universo literário seja reconhecido por eles como algo importante nas suas vidas.

Ao expressar que sua educação na infância e adolescência e suas boas experiências na relação da leitura do mundo e os professores proporcionaram uma vivência ativa da leitura e escrita, onde a importância da leitura assim como o ler e escrever eram inseparáveis, Freire demonstra que os aspectos técnicos não foram

reduzidos a conhecimentos que deveriam ser arquivados, sendo realizados de forma viva e dinâmica.

Refletindo assim a formação do leitor proporciona a formação de pessoas que aprendem se desenvolvem e fruem da literatura e da escrita de maneira viva e dinâmica. Nesta reflexão é possível estabelecer que a formação do leitor, o direito de ser leitor é importante tanto para Candido quanto para Freire e que estes autores pressupõem boas bases para a defesa da formação dos leitores de que trata minha pesquisa.

1.2- BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA NO BRASIL

Neste tópico, apresentamos brevemente o histórico da literatura no Brasil, a intenção é demarcar como uma sociedade, fundada na desigualdade socioeconômica, inicia somente nas primeiras décadas do século XX, um trabalho de formação de leitores. Cabe destacar que a educação primária (quatro anos iniciais) destina-se a todos (incluindo mulheres, negros e indígenas) a partir da Constituição de Federal de 1934. Portanto, quando se iniciaram as atividades de produção literária elas eram restritas ao campo da infância, como veremos brevemente a seguir.

O Histórico da literatura no Brasil moderna começa inicialmente por um avanço que diz respeito à produção de literatura infantil, iniciando-se por publicações de Monteiro Lobato em 1921 em “Reinações de narizinho”. Monteiro Lobato entra em outra esfera no mundo literário investindo em fundação de editoras como Monteiro Lobato e Cia. Companhia Editora Nacional e Brasiliense, ao mesmo tempo que constrói sua carreira de autor e realiza suas próprias publicações.

Este cenário descrito por Lajolo & Zilberman (2007) é original, pois na época não existiam muitas editoras, havia algumas oriundas do século XIX e a produção de livros infantis eram raras na mesma época. O movimento de reunir tanto a autoria como a publicação de livros infantis faz-se impressionante, pois abre portas para novos tempos no que diz respeito à literatura no Brasil. Começam a surgir novos autores como Francisco Martins, Maria José Dupré, Lúcia Machado de Almeida entre outros nesse momento entra um cenário pós-modernista.

No limite cronológico em 1920-1945, a produção literária para crianças entra em foco no que consiste o aumento no número de obras, de edições e no interesse de

editoras, como Melhoramentos e Editora do Brasil, sendo assim o gênero se afirma mobilizando outros autores oriundos principalmente da geração modernista. Assim, em 1931, inicia-se a fase mais fértil da ficção brasileira, depois o surgimento de novos autores que se incorporam à literatura infantil.

A partir deste momento, a evolução da literatura brasileira foi de maneira diferenciada. Surgiram também narrativas originais, como Érico Veríssimo, em *As aventuras do avião vermelho* (1936). Outros autores publicaram apenas um título como José Lins do Rego e Lúcio Cardoso, o crescimento da produção de literatura infantil e sua influência com relação aos escritores que tinham em mente a renovação da arte nacional mostrava um favorecimento do mercado em relação aos livros. O cenário da literatura nacional tem relação também com fatores sociais como: a consolidação da classe média, o aumento da escolarização dos grupos urbanos é uma nova fase da literatura após a revolução modernista.

Ampliam-se os consumidores, o que resulta no aceleração da oferta, na mobilização das editoras que foram motivadas em relação a novos títulos. Em 25 anos, a literatura infantil cresce, pelos autores que se envolveram com ela. Se no início do período, a produção era pequena, ela se fortalece até os anos 40, momento em que o Modernismo encerra seu ciclo com um acervo consistente e contínuo aliado à cultura brasileira.

O Governo de Getúlio Vargas proporcionou mudanças, como tornar a Educação primária obrigatória, destacando o ensino técnico e instituiu novos cursos superiores. Em 1934 foi fundada a Universidade de São Paulo e em 1937 a Universidade do Brasil.

Conforme afirmamos anteriormente, a constituição Federal de 1934 vai impulsionar uma série de ações, dentre elas destacamos a obrigatoriedade do Ensino Primário para todos, incluindo mulheres, negros e indígenas o que ajuda entender o porquê da falta de um pensamento ligado à formação antes desta data. Apenas grupos privilegiados tinham acesso à educação, ainda assim era uma educação diferente da que pensamos ser hoje.

Todos os fatos mostrados fazem parte do processo de modernização da sociedade brasileira, em que a literatura se integrou, seja por projetos como a Semana da Arte Moderna ou projetos individuais do escritor Monteiro Lobato. Sejam Modernistas de um

lado fornecendo conteúdo estético do período; Monteiro Lobato, de outro lado, impondo uma prática voltada para letras e de forma igual voltada para os lucros.

Quando se fala de Lobato estamos no campo da ficção infantil que foi constituída no encontro dessas vertentes, convertendo-se numa das imagens dos contrastes culturais que passam pelo Brasil. Segundo Lajolo e Zilberman (2007), o sítio não era apenas o cenário onde aconteciam as aventuras, mas representava uma forma de pensar o mundo e a sociedade, assim como o significado da criação de obras literárias para a infância:

Nessa medida está corporificado no sítio um projeto estético envolvendo a literatura infantil e uma aspiração política envolvendo o Brasil- e não apenas a reprodução da sociedade rural brasileira (Lajolo & Zilberman, 2007, p.41).

Interessante perceber que mesmo com os projetos reversos existe uma afinidade entre Lobato e os autores modernistas, em termos sociais e estéticos. Não há dúvidas de que os artistas dessa época encontraram uma forma de abraçar a presente modernização que estava ocorrendo no cenário social, de forma particular, em São Paulo com relação a industrialização e o capitalismo, mas sem negação do passado e sem a perda do nacionalismo. Estes acontecimentos fortaleceram a nova tradição literária, inspirando a literatura brasileira e indicando o papel que ela exerce na sociedade.

A tradição popular de transmissão oral vinculada às populações que vinham da vida agrícola acontece na Europa desde os séculos XVIII na literatura infantil. No Brasil, essa apropriação ocorre pelo recurso europeu, quando já assumido como literatura para crianças.

Antes da obrigatoriedade da escola na década de 30, há as influências das amas-de-leite ou ex-escravas que transmitiam relatos orais. Sendo assim, é possível perceber uma grande presença do negro como origem das histórias de alguns livros de Lobato, *Histórias de tia Nastácia* (1937), José Lins do Rego, *Histórias da velha totônia* (1936).

O histórico apresentado acima procura exatamente usar uma fonte histórica plausível para uma análise do porquê que a formação do leitor literário aconteceu ou não aconteceu de determinada maneira e que alguns traços da história se perpetuam a até hoje na EJA. É importante destacar que o interesse na Literatura ou na formação das pessoas

demorou a se concretizar de fato, principalmente nas classes populares, que especificamente a Educação de Jovens e Adultos atende.

A formação histórica brasileira, fundada nas desigualdades, no trabalho escravo foi infelizmente um grande desafio para a reflexão da formação humana igualitária e somente em 1934 foi realmente que o ensino primário tornou-se obrigatório, uma história tardia que reflete ainda hoje na vida de inúmeros alunos.

Em relação aos temas escolares é importante destacar que a literatura e os laços apresentados têm ligações acerca dos ideais da classe média, visto que para esse grupo a educação é um meio de ascensão social e a literatura um instrumento para ensinar valores. Alguns deles são a importância da valorização da leitura e do conhecimento, e a ênfase no individualismo, na ideia de moral e esforço pessoal. O ensino e a literatura possuem estreita relação, pois, se integram de diferentes maneiras variando segundo a concepção que foi entendida, assim como a capacidade dos professores ao olhar o livro e a forma que vai trabalhá-lo.

Este histórico é importante para entender como a literatura se desenvolveu durante um período de tempo na história do Brasil. E os ideais envolvidos na produção da leitura literária e também refletir as mudanças na educação e as relações que se estabeleceram com os fatos apresentados, para que se possa realizar uma análise dos dias atuais em relação à formação de leitores no Brasil, nesta pesquisa especificamente na Educação de Jovens e Adultos.

1.3 – PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA (PNBE) E FORMAÇÃO DO LEITOR NA EJA

Em relação às políticas públicas desenvolvidas que contribuem para a formação do leitor, trato, de forma breve também, do Programa Nacional Biblioteca na Escola - PNBE. A escolha do PNBE deve-se ao seu reconhecimento como uma política pública consistente, contínua e sistemática na formação dos acervos de escolas públicas em todo o Brasil, ou seja, a atende à classe popular majoritariamente atendida na rede pública. O objetivo do PNBE é dar acesso a cultura e incentivar a leitura nos discentes e docentes. Segundo consultas realizadas no site do Ministério da Educação, este programa é

desenvolvido desde 1997. As modalidades de ensino que recebem os acervos de forma alternada são: Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais) e a Educação de Jovens e Adultos, Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio.

No ano de 2000, o PNBE atendeu a Educação de Jovens e Adultos por meio de um material direcionado ao atendimento dos docentes do Ensino Fundamental, das escolas públicas participantes do Programa de Desenvolvimento Profissional Continuado - Programa Parâmetros em Ação. As escolas receberam um acervo de materiais didático-pedagógicos, tendo como propósito apoiar o desenvolvimento profissional de professores e especialistas em Educação.

O PNBE - 2003 foi desenvolvido em cinco ações diferentes para a EJA. Uma das ações foi a chamada “Palavras da gente”, com acervos distribuídos aos alunos da última série. Outra ação que afetou o seu público-alvo, a comunidade do município, foi a distribuição realizada em bibliotecas itinerantes, com 154 livros de 14 títulos diferentes. O acervo foi entregue nas prefeituras municipais que ficou com a responsabilidade de distribuir para diferentes espaços. Ainda este ano foi realizada a ação “Biblioteca do Professor”, onde recebiam dois livros, das classes de alfabetização e de ensino fundamental.

O PNBE - 2004 continuou as ações que foram desenvolvidas em 2003. Em 2007, começou uma mudança na nomenclatura em referência ao ano de aquisição e não houve ação do PNBE neste ano.

Em 2010, o programa foi composto por títulos de poemas, contos, crônicas, teatro, textos de tradição popular, romances, memórias bibliográficas, ensaios, histórias em quadrinhos e obras clássicas. A distribuição envolveu 10,7 milhões de livros a todas as escolas públicas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos com 39.696 escolas atendidas.

Para a Educação de Jovens e Adultos foram dois acervos. Ainda em 2010, o programa também distribuiu livros de orientação do ensino em cada disciplina da educação básica para professores da rede pública. O objetivo era o apoio pedagógico, as obras foram divididas em cinco categorias uma delas para a EJA.

Em 2012, o PNBE foi direcionado a distribuição de obras literárias às escolas públicas dos anos iniciais do Ensino Fundamental e da EJA. Em 2013, o objetivo do programa foi a aquisição de obras referenciais para professores da escola básica e da EJA.

O PNBE em 2014 atendeu escolas de Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos no ensino fundamental e médio, em que foram selecionados 50 títulos para a EJA.

Todo o histórico até aqui descrito de maneira resumida relacionado às políticas públicas de apoio à formação do leitor literário foi consultado no site do MEC e do fundo nacional de desenvolvimento da Educação até o ano de 2014. Em 2016 encontrei um edital, mas, segundo as consultas realizadas, o PNBE foi interrompido por falta de verba.

No próximo Capítulo, apresento uma breve revisão de literatura e os caminhos metodológicos da pesquisa.

CAPÍTULO II

FORMAÇÃO DO LEITOR NA EJA NO CHÃO DA ESCOLA

2.1- BREVE REVISÃO DE LITERATURA RELACIONADA À FORMAÇÃO DO LEITOR NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Neste Capítulo, antes de entrarmos no campo de pesquisa para a entrevista com as professoras, realizo uma pontual revisão de literatura, pois não conseguimos avançar no levantamento de estudos e pesquisas que investiguem a formação do leitor na EJA. Destaca-se também que, em função do término da graduação e da necessidade de sua conclusão, não foi possível ampliar esta parte fundamental da pesquisa, o que pretendo realizar em estudo posterior.

O artigo que discuto como relevante para o meu trabalho de pesquisa nomeia-se “Ensino de Literatura na EJA e sua relevância para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos educandos” (GONÇALVES,CUNHA,SOUZA, 2014). O objetivo deste artigo foi analisar trajetórias de ensino de literatura na Educação de Jovens e Adultos no Brasil e sua relevância para o pensamento crítico e reflexivo dos alunos, conforme destacado a seguir:

A literatura é um elemento cultural, histórico e social, capaz de desvendar as contradições e conflitos de suas realidades, pois é essa relação entre escrita literária e a dimensão social que o educando desenvolve e compreende o sentido de suas leituras e produções, desenvolvendo, assim, sua formação crítica e reflexiva. (GONÇALVES, CUNHA, SOUZA, 2014, p. 4).

Esta citação acima tem ampla relação com todos os autores já discutidos nesta pesquisa, confirmando a importância das leituras que realizei de Cândido, Freire, Lajolo e demonstrando que pesquisas na área de formação literária na EJA são importantes para a constante reflexão da ação de formação desses leitores no universo da escola.

O artigo apresenta que no decorrer de inúmeras reformas em relação ao ensino na Educação de Jovens e Adultos, assim como as avaliações, que valorizam os conhecimentos prévios dos alunos, este modelo de ensino buscou na realidade dos estudantes maneiras de abordar os conhecimentos com ferramentas como: livros, revistas.

No uso deste modelo de ensino é possível também abordar a leitura literária, a prática pedagógica usada no ensino da Literatura como a discussão central do trabalho. Na pesquisa foi possível entender, nas conversas com professores que trabalham com turmas de EJA, a falta de formação do professor que foi designado como responsável para o ensino de Literatura.

Segundo à análise da Proposta curricular realizada pela pesquisa, foi possível identificar que o ensino não era desenvolvido de maneira adequada, ao ser desenvolvido apenas por professores de língua portuguesa sem uma grande preocupação com a formação cultural, tornando-se uma abordagem instrumentalista, apenas como recurso para a aprendizagem da gramática, por exemplo.

Segundo ainda as autoras da pesquisa, a Lei de Diretrizes e Bases não faz uma abordagem específica do trabalho com o ensino de Literatura, apesar de apresentar o tema de maneira superficial. Segundo as observações realizadas na pesquisa foi possível analisar resultados diferentes em que alguns professores resumiam que a literatura contribui para o ensino da gramática e outros para a aproximação da realidade.

2.2- LITERATURA E EJA: CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa realizada foi de cunho qualitativo devido à metodologia empregada, por meio de entrevistas abertas e posteriormente transcritas. Com base em Ivenicki e Canen (2016, p.11) que afirmam que as características ampliadoras dos métodos qualitativos predominam na importância das descrições de pessoas e situações que não se restringem à coleta de dados, pois foi levam em conta as nuances da cultura, sentimentos e valores que movimentam os sujeitos, e que foram fundamentais para atender aos objetivos da minha pesquisa.

A pesquisa buscou compreender dentro da modalidade de Educação de Jovens e Adultos quais são os aspectos da formação de leitores literários. Tais aspectos focalizam algumas questões sobre as práticas de formação do leitor. Os gêneros literários presentes na formação dos alunos da EJA, as políticas governamentais de apoio à formação de leitores nesta modalidade de ensino e o que os docentes que atuam na EJA acreditam ser a formação do leitor literário da EJA.

Inicialmente foram estudados autores que abordassem conceitos de Literatura, histórico da Literatura Infantil no Brasil, tais como: Antônio Cândido, Paulo Freire, Ligia Cademartori, Marisa Lajolo, Regina Zilberman. Também estudamos documentos como o Parecer 11/2000 que trata da especificidade da Educação de Jovens e Adultos.

Foram citados também autoras indicadas por uma das professoras entrevistadas, como Yolanda Reyes e Michele Petit, em suas respectivas obras “Ler e brincar, tecer e cantar” e “Leituras: do espaço íntimo ao espaço público.

Além de compreender o que a bibliografia de referência discute sobre Literatura, foi necessária a compreensão da constituição da Educação de Jovens e Adultos em sua origem e seu reconhecimento como modalidade de Ensino da Educação Básica no Brasil.

Os objetivos acerca do tema possibilitaram a construção de um roteiro de entrevista aberta com questões formuladas no projeto inicial da pesquisa. As entrevistas foram realizadas com duas professoras: uma delas foi Professora Orientadora no Programa de Educação de Jovens e Adultos do município do Rio de Janeiro - PEJA e a outra professora que trabalha diretamente na sala de leitura de uma escola de atendimento específico aos jovens e adultos do município do Rio de Janeiro e do PEJA. O critério de escolha das professoras foi baseado em seus trabalhos exclusivamente com a EJA, em municípios diferentes do estado do Rio de Janeiro e que elas ocupassem um cargo que fosse referência na construção da formação de leitores nas escolas. As nomenclaturas atribuídas as escolas são A1, professora Liesel¹ e A2, professora Alice, ambas com objetivo de preservar a identidade das escolas e das professoras.

As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas, realizadas em dias previamente combinados com as professoras. Após as transcrições, foram realizadas leituras e releituras, extraíndo as categorias que, posteriormente, foram confrontadas com autores que embasaram esta pesquisa.

As perguntas realizadas nas entrevistas abertas foram em relação às práticas de formação do leitor na escola, às políticas de formação de leitor como, por exemplo, PNBE e outros recursos. Também foram abordadas na entrevista, a formação de docentes em relação à leitura literária, como elas veem a formação de leitores literários na escola, o

¹Os nomes escolhidos referem-se às personagens literárias: Liesel do livro “A menina que roubava livros” de Markus Zusak da editora Intrínseca e Alice do livro “Alice no país das maravilhas.” de Lewis Carroll da editora Arara Azul.

acervo disponível para a prática pedagógica dos professores e como este acervo costuma ser empregado.

Além de questionar o espaço de formação de leitores literários no Projeto Político Pedagógico da escola, em qual concepção e se está no cotidiano escolar e de que maneira, os critérios de qualidade para a escolha de obras literárias utilizadas na formação do leitor literário, se existe um espaço para as produções literárias dos alunos e como este espaço acontece. De que modo os estudantes da EJA costumam ter acesso ao acervo? Que orientações eles recebem para pegar o livro ou para desistir dele?

Apesar da autorização das professoras no uso de suas identidades verdadeiras optamos por questões éticas utilizar nomes literários na discussão das categorias e na análise das mesmas. Os nomes literários que foram usados na pesquisa são Liesel para a professora que trabalhou como professora orientadora em um CIEP e Alice para professora que ocupa o cargo de professora da sala de leitura na escola de atendimento específico à EJA.

A escolha das professoras justifica-se pelas instituições em que trabalham possuem um trabalho interessante em relação a formação de leitores, ambas com um trabalho de disseminar a leitura literária entre os docentes e alunos e ambas professoras em instituições públicas no Rio de Janeiro.

Conforme comentamos anteriormente, após as transcrições das entrevistas, realizamos a leitura e a releitura do material de pesquisa, buscando extrair categorias para a análise em relação com as bases teóricas previamente estudadas. As categorias elencadas foram: práticas de formação de leitores; seleção de livros: acesso e qualidade das obras; formação de leitores: EJA e literatura; políticas de incentivo à formação de leitores na escola; produções literárias. A seguir apresentaremos as análises de cada uma delas.

2.3 -ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

2.3.1 - Práticas de Formação de leitores

Em relação às práticas mencionadas na entrevista com a professora Liesel foi possível perceber um compromisso com a mobilização do corpo docente da escola quanto

às práticas que foram estabelecidas para realizar a formação dos alunos da EJA naquele espaço.

No início da entrevista, a professora informa que assim que começou a trabalhar no PEJA assumiu um compromisso com a formação de leitores, conforme trecho abaixo:

A gente tinha uma preocupação com a formação do leitor e da leitura literária muito voltada pro professor que estivesse na sala de leitura né como dinamizador de sala de leitura. (...)

A gente percebeu né, os professores que estavam ali naquele momento, que se a gente achava importante que esses alunos jovens e adultos teriam direito e acesso aos livros e acesso a literatura, direito a isso a gente tinha que fazer independente da sala de leitura (Professora Liesel)

Relacionamos a fala da professora à ideia de Cândido que argumenta sobre o direito de todos à literatura independentemente de qualquer que fosse a realidade social na qual aquele grupo estivesse inserido. O direito ao acesso à literatura para Cândido consiste como fundamental no processo de humanização do homem, argumentando que o acesso à leitura é inerente ao homem e à sua formação, pela necessidade do homem de fabulação, beneficiando o desenvolvimento de crítica e reflexão do ser humano, assim como o aprendizado da empatia.

O “empréstimo desburocratizado” foi uma das práticas desenvolvidas nesta escola proveniente das ideias de um grupo de professores, instigados pela professora Liesel no exercício da função de professora orientadora, e que se constituiu como uma metodologia fundamental para que os alunos tivessem acesso aos livros.

Nesta escola, neste momento, não havia professor exclusivo de sala de leitura para o PEJA, de modo que organizasse o espaço, o que dificultava o trabalho de formação de leitores. Apesar de as dificuldades, a prática de empréstimos desburocratizados possibilitou aos alunos levarem os livros para casa sem data para retorno, podendo devolvê-los ou emprestá-los diretamente aos outros colegas.

Essa prática iniciou-se com um processo de doação de livros, em que foram doados 200 livros para os empréstimos e que foram disponibilizados em caixas de leitura espalhadas em pontos estratégicos na escola. Segundo a professora, apesar de os empréstimos serem realizados de forma mais livre quase não houve perda do acervo da doação.

² Nas transcrições foram respeitadas as variedades linguísticas das entrevistadas.

Depois desta iniciativa de movimentar a escola em relação ao acesso aos livros, os professores sentiram a necessidade de que estas obras fizessem parte também da sala de aula, então, os livros doados, que antes eram espalhados em caixas pela escola, passaram a circular em sacolas pelas salas de aula.

Para resolver a falta de profissional encarregado para a sala de leitura, o grupo montou um horário em plantões, de modo que alguns professores realizassem atividades, sempre que fossem possíveis na sala de leitura, para que o ambiente fosse entendido pela comunidade escolar como um espaço vivo da escola que poderia e que deveria ser ocupado.

Yolanda Reyes (2012) destaca que as práticas desenvolvidas na escola, com o olhar sensível dos professores em relação aos alunos e à realidade do entorno, são fundamentais para o reconhecimento daquele espaço como território fundamental para a formação de leitores, conforme trecho:

E embora ler literatura não transforme o mundo, pode fazê-lo ao menos habitável, pois o fato de nos vermos em perspectiva e de olharmos para dentro contribui para que se abram novas portas para a sensibilidade e para o entendimento de nós mesmos e dos outros (REYES, 2012, p.11).

No início da conversa, Liesel ainda especifica algumas práticas individuais que ela realizava com as turmas dela com crianças, e que observava estas práticas de leitura compartilhada, por exemplo, em alguns professores, mas não como uma ideia da escola integralmente.

As ações de criação de práticas nesta escola relacionaram-se amplamente com as questões estruturais de acervo e utilização do espaço da sala de leitura. A professora Liesel relatou que as doações de livros que ocorreram na escola foram devido a uma enorme falta de acervo para o público específico da EJA. E que a disseminação do acervo pela escola em relação às práticas de empréstimo desburocratizado foi criada justamente pela falta de um professor responsável pela sala de leitura ou a escassez de horários com a sala funcionando.

Na segunda entrevista realizada, encontramos uma escola de referência na Educação de Jovens e Adultos no Rio de Janeiro, a professora entrevistada ocupa o cargo de professora da sala de leitura. No início da nossa conversa, Alice deixa claro em sua fala que nesta escola existe um trabalho de formação de leitores antigo e amplamente

consistente, realizado pela professora anterior que ocupava o cargo de professora da sala de leitura. Esta escola é uma referência na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

A primeira questão da entrevista foi relacionada às práticas desenvolvidas na escola acerca da formação dos alunos como leitores. A principal prática respondida pela professora foi o “empréstimo de livros” vinculado à apresentação e valorização da sala de leitura. A sala de leitura ocupa um lugar de centralização da formação dos alunos desta escola como leitores, pois:

São muitas, a principal que a gente faz é a de empréstimos de livros, então quando o aluno entra na escola, toda vez que entram alunos novos a gente faz uma apresentação da sala de leitura, para que esse espaço não seja um espaço estranho, pra que eles saibam que podem entrar que podem escolher os livros (Professora Alice).

A sala de leitura é o centro difusor das atividades de formação de leitor, a professora faz um planejamento mensal das atividades na sala de leitura e coloca nas salas dos professores. Uma grande comunicação entre todos os docentes para que possam relacionar seus planos de aula com os eventos da sala de leitura, na qual acontecem rodas de leitura semanais, o que se encontra na afirmação de Petit (2013,37):

Tudo o que podem fazer os iniciadores de livros é levar as crianças - e os adultos- a uma maior familiaridade e uma maior naturalidade na abordagem dos textos escritos. É transmitir suas paixões, suas curiosidades, questionando seu lugar, seu ofício e sua própria relação com os livros (PETIT, 2013, p.37).

Todo mês também existe a prática intitulada de “empréstimo especial”. A professora da sala de leitura escolhe um tema, que pode ser gênero textual ou um autor para divulgar de forma mais específica nas salas de aula. Essa prática acontece nas salas de aula, onde a professora Alice seleciona algumas obras importantes do gênero, lê algumas delas, explica sobre o gênero, e abre para os empréstimos. É uma maneira de dinamizar o acervo, de levar conhecimento sobre os gêneros textuais existentes, assim como obras importantes e autores importantes, a literatura não está somente na sala de leitura, ela expande para todo o espaço escolar, conforme fala a seguir:

A partir disso, todo dia em que a sala de leitura tá aberta eu empresto, eles sabem disso alguns vêm toda semana, uma coisa diária de vir aqui, sabe que podem, às vezes vêm só renovar quer ficar com o mesmo livro. O livro é grande, né, às vezes precisa de mais tempo, às vezes quer devolver não gostou, então, a gente está sempre emprestando. Toda ação que eu faço termina com empréstimo se eu tô na sala de aula eu

vou com a pasta e termino emprestando livros, o objetivo é que o aluno esteja sempre com um livro na mão pra ler (Professora Alice).

Uma outra prática interessante na escola é “cineclube”, a escola estabelece parcerias com festivais que disponibilizam filmes para a formação audiovisual dos alunos, uma prática, mas em outra linguagem, que podem relacionar-se com as obras literárias nas discussões nas rodas de leitura ou na exibição dos filmes.

É possível observar nesta escola um trabalho grande de formação literária que conseqüentemente expandiu-se para outra forma de linguagem, com a questão da formação literária em destaque, mas que compreende a formação do aluno como leitor de forma completa, ampliando o cenário de apreciação em diferentes linguagens e suportes.

Existe um grande compromisso na reflexão das práticas desenvolvidas para a formação de leitores nesta escola que, apesar de possuir um trabalho mais antigo e uma estrutura física de espaço acervos e profissionais de mais qualidade, não anula os esforços de práticas da primeira escola que usa da criatividade dos profissionais para a realização de práticas, além da colaboração da própria comunidade.

Importante destacar a riqueza das práticas para os alunos, mas também a riqueza das práticas das duas escolas para os professores também que, apesar de apontar pouca formação acadêmica sobre a formação de leitores literários, segundo as respostas nas entrevistas, esta formação se faz continuamente no chão das duas escolas, na prática do trabalho docente, no diálogo, na reflexão, na crítica o que aponta para um dos pontos primordiais do que é a literatura para o ser humano.

Um trabalho de formação de leitor humano relacionado à formação da empatia, reflexão, à apropriação da realidade e à transformação da mesma, em ambos os campos da pesquisa. São práticas vivas e a formação de alunos e de leitores nunca para de acontecer. É o olhar para si mesmo e para os outros que transforma as conversas e aprendizados em ações concretas.

Acerca das ações realizadas na escola envolvendo a criação destas práticas, observei, por meio da entrevista, que na escola em que a professora Liesel trabalhou ocorreu um grande movimento para que a formação do leitor pudesse ocorrer, o que pode ser constatado por um trecho da própria entrevista da professora:

(...) Em 2010, em abril, nossa escola pega fogo na sala ao lado da sala de leitura e quase todo o acervo da escola é queimado, uma coisa que é

importante falar a gente incentivou essa campanha de livros doados porque nós tínhamos pouquíssimos livros para jovens e adultos nossa escola tem 21 22 anos, essa escola sempre teve crianças estudando nunca teve segundo segmento dos anos finais então a gente tinha muito livro infantil...

Quase todos os livros da sala de leitura foram embora os livros que ficaram foram aqueles da doação porque estavam emprestados com os alunos então eles voltaram entregaram esses livros e a gente ficou um tempo sendo os únicos livros que tínhamos (Professora Liesel).

Os livros doados não foram destruídos, pois estavam justamente “fazendo” a formação dos alunos como leitores, nas casas dos alunos emprestados. As práticas alcançadas deram resultados que conseguiram levar a leitura literária aos alunos da escola de forma mais integral.

2.3.2 - SELEÇÃO DE LIVROS: ACESSO E QUALIDADE DAS OBRAS

Em ambas as entrevistas com as professoras, em suas respostas, foi possível perceber uma grande preocupação em relação a um espaço que concentrasse o acervo literário da escola. A sala de leitura foi relatada como um espaço importante para a realização da formação dos leitores. A professora Liesel destacou a importância da estrutura da sala de leitura e como o pouco uso do espaço e a falta de profissionais dificultavam o trabalho de formação de leitores. Como podemos observar na fala abaixo: “Quando eu fui trabalhar no PEJA, a gente não tinha o professor de sala de leitura, a maioria dos PEJAS não têm, hoje em dia até têm, mas naquela época pouquíssimos” (Professora Liesel).

Em relação ao acervo da escola da primeira entrevista, na estrutura organizacional da sala de leitura havia poucos horários disponíveis para funcionar, pois o professor da sala dividia seus horários em três turnos e o acervo da escola tinha uma característica infantil, ocasionado pelo público de crianças que estudavam durante o dia, havendo uma escassez de acervo para o público de jovens e Adultos.

Esses dois principais motivos motivaram uma campanha de doação de livros para a escola, que após o recebimento foram selecionados de acordo com critérios de qualidade, estado físico dos livros, linguagem, temática, ilustração.

A campanha de doação realizada na escola teve dois objetivos principais: ampliar o acervo próprio para a EJA na escola e democratizar o acesso aos livros, já que o funcionamento da sala de leitura não era o suficiente para a demanda.

Na entrevista com a professora Alice, foi possível reconhecer uma grande preocupação no acesso dos alunos ao acervo da escola, então o “empréstimo de livros” é segundo ela a principal prática. A sala de leitura é mais uma vez valorizada como espaço centralizador da formação de leitores, de acordo com a fala a seguir:

Toda vez que entram alunos novos a gente faz uma apresentação da sala de leitura então eu vou lá na turma pego os alunos trago pra sala mostro como funciona a sala de leitura, para que esse espaço não seja um espaço estranho pra que eles saibam que podem entrar que podem escolher os livros (Professora Alice).

Há uma grande mobilização na exposição do acervo da sala de leitura, na apresentação da sala, nas atividades de roda de leitura, na apresentação dos gêneros que existem no acervo da sala.

Importante destacar que quando as verbas são destinadas em dinheiro ou voucher diretamente para a escola, a professora relatou na entrevista, há uma participação de professores para a seleção de novos livros para o acervo da sala de leitura.

Levando em conta a qualidade dos livros, não é possível, segundo Alice, comprar livros em grandes quantidades com a verba disponível. Entretanto, mesmo com uma verba abaixo do desejável, é possível fazer um critério de escolha prezando a qualidade literária das obras, o que se constitui em uma prática que a professora Alice destacou como a usada para a seleção do acervo literário.

O público da Educação de Jovens constitui-se por uma parcela da população que está em um quadro grande de desigualdade social, são pessoas que foram obrigadas a abandonar a sua formação, jovens com dificuldades de concluir os estudos, pois têm necessidade de contribuir financeiramente com suas famílias. O espaço escolar é muitas vezes o único espaço de acesso à diversidade na Educação e a literatura se aplica a esse acesso, como traduz Petit em:

Para alguns, tudo é dado ao nascer, ou quase tudo. Para outros, à distância geográfica somam-se as dificuldades econômicas e os obstáculos culturais e psicológicos. Quando se vive em bairros pobres na periferia da cidade, ou no campo, os livros são objetos raros, pouco familiares, investidos de poder, que provocam medo. Estão separados deles por verdadeiras fronteiras, visíveis ou invisíveis. E se os livros não vão até eles, eles nunca irão até os livros. (PETIT, 2013, p.24)

A escola traduz-se como um espaço primordial para a formação de leitores, principalmente na esfera pública de ensino, onde os sujeitos de maneira geral são os que possuem maiores desigualdades em relação a outras pequenas parcelas da população.

Assim como as verbas do governo, as políticas de livro e de leitura, a mobilização da comunidade escolar para a garantia do acervo são primordiais para a existência de um espaço oportuno para a formação de leitores. São fundamentais a pesquisa e o planejamento de boas políticas que possam propiciar o acesso aos acervos de qualidade literária, além de formação continuada dos professores em relação à formação de leitores, a valorização docente, em especial de profissionais das salas de leitura que ficam responsáveis em integralizar esta formação em toda a escola.

2.3.3 - A FORMAÇÃO DE LEITORES: EJA E LITERATURA

A formação do leitor em ambas as escolas é refletida, discutida e está amplamente relacionada às práticas desenvolvidas nas escolas. Uma questão importante na pesquisa é sobre a formação do leitor dos docentes das instituições, além da formação dos alunos da escola. Quando pensamos na formação de leitores, devemos pensar também qual o real envolvimento de pesquisa, seleção, e se o planejamento existe nas práticas dos professores das escolas.

As respostas sobre a formação dos professores de ambas as escolas acerca da formação literária foram bem interessantes, as duas professoras falaram de uma formação literária dos docentes no decorrer das práticas com os alunos cotidianamente.

Em relação às atividades que aconteciam nas duas escolas, as reuniões pedagógicas começavam com leituras, na seleção dos acervos, no planejamento das aulas, rodas e atividades de literatura, de modo que inúmeros professores também se formassem como leitores, conforme podemos observar na fala a seguir: “Então Amanda eu acho que a gente não tem essa formação... eu acho que essa formação como leitor ela se dá na vida mesmo com algumas práticas institucionais como que a escola vem fazendo” (Professora LIESEL). O que pode ser observado também na fala da professora Alice:

Os professores, quando os professores chegam na escola pra trabalhar, vêm de concurso, eles não têm uma formação literária, a menos que eles tenham feito literatura na graduação. É claro que existem aqueles que já

são leitores de literatura por prazer por influência em casa, mas ninguém vem com essa formação específica de literatura, o que acontece é que quando a gente vai puxando os trabalhos de literatura, os projetos da escola da sala de leitura do PPP essa prática é incorporada (Professora Alice).

Em ambas as respostas existe uma formação literária dos professores a partir da prática no cotidiano escolar, apesar das diferentes formações dos professores nas escolas e da falta acadêmica da formação de leitores na graduação e formação continuada que ocorre. Existe um ponto, uma pessoa, o projeto político pedagógico da escola que faz o exercício de construção desta formação.

É importante destacar a importância da formação de leitores, independentemente, da classe social dos sujeitos, assim como Cândido defende a literatura como um dos dois direitos humanos fundamentais, Michèle Petit também se alinha a este pensamento:

No entanto, o desejo de pensar, a curiosidade, a exigência poética ou a necessidade de relatos não são privilégios de nenhum grupo social. Cada um de nós tem direitos culturais: o direito ao saber, mas também o direito ao imaginário, o direito de se apropriar dos bens culturais que contribuem, em todas as idades da vida, à abertura para o outro, ao exercício da fantasia, sem a qual não há pensamento, à elaboração do espírito crítico” (PETIT, 2013, p.23).

Em relação à pesquisa realizada foi possível perceber que há uma preocupação da comunidade escolar de ambos os espaços para a realização de formação de leitores dos alunos. Ainda diante de inúmeros desafios acerca da falta de formação acadêmica, de espaços, de acervos, os profissionais das duas as escolas propiciam a formação cotidiana de leitores, não apenas dos alunos, como também dos professores.

A formação literária na Educação de Jovens e Adultos resulta na ultrapassagem de limites de codificação e decodificação, amplia o conhecimento do aluno sobre o seu lugar no mundo, apresenta as realidades distintas e permite os sonhos da capacidade de fabulação.

2.3.4 - POLÍTICAS DE INCENTIVO À FORMAÇÃO DE LEITORES NA ESCOLA

Em relação às políticas do governo atribuídas à formação de leitores na EJA, questionamos como as políticas contribuem para essa formação na escola. A professora Liesel, que exercia função de professora orientadora, recebia livros anualmente na escola que compunham o acervo da e eram disponibilizados na sala de leitura.

Além dos livros recebidos anualmente, a escola devido às dificuldades de estrutura, de funcionários e de espaço físico, a escola organizou uma doação de livros que foi importante para a diversificação de seu acervo. Liesel também destacou que a prefeitura destinava uma verba exclusiva para o PEJA durante um período e para aquisição de livros em eventos como a Primavera dos Livros, a Bienal do livro e o Salão do Livro Infantojuvenil. Recolhiam-se sugestões para a compra dos livros em toda a escola:

A verba da primavera dos livros era usada única e exclusivamente para o PEJA. Então, eu acho que mais que um plano federal que tinha uma materialidade maior do que a gente tinha na prefeitura, mas como era um dinheiro que vinha pra nossa mão e a gente escolheu os livros, na prática eu acho que os livros eram mais o que a gente precisava e queria (Professora Liesel).

Destacamos que as políticas públicas, em especial as federais, destinadas à escola para a formação de acervos possibilitaram o acesso aos livros de qualidade para a comunidade escolar, constituindo-se em uma política importante. Entretanto, as verbas destinadas diretamente à escola para aquisição de acervos em eventos de literatura locais foram relatadas pela professora como muito positivas, pois possibilitavam a escolha dos livros com os professores e alunos da escola, ou seja, a constituição de um acervo que atendesse mais aos desejos, às necessidades e às expectativas da comunidade escolar, como podemos comprovar no trecho a seguir:

(...) a gente teve essa verba, e essa verba já foi utilizada de algumas formas: os alunos escolheram os livros junto com os professores através de catálogo, os livros que eles queriam, a gente já foi a escola inteira, os professores, todos foram comprar e a gente também já fez compra com alunos que poderiam ir e fomos com eles... (Professora Liesel).

Os apoios de verbas para a construção do acervo das escolas básicas na modalidade da Educação de Jovens e Adultos ou em qualquer outra modalidade são fundamentais como afirma Petit:

Eu lhes dizia que a literatura sempre faz sentido se tivermos a sorte de ter acesso a ela. Mas, para muitas pessoas, existe aí um mundo que não está ao seu alcance. Uma escolarização insuficiente pode ser uma das causas dessa situação, porém não podemos imaginar que ler seria algo espontâneo para os que foram escolarizados (PETIT, 2013, p.32).

2.3.5 - PRODUÇÕES LITERÁRIAS

Esta categoria criada foi devido a uma das questões que foi abordada nas duas entrevistas, sobre como aconteciam as produções literárias dos alunos, na defesa do direito ao universo literário e a formação de leitores que é fundamental a formação humana.

A autonomia dos alunos nas suas produções literárias aparece nas entrevistas e oferece uma ampliação na formação de leitores, pensando do ponto de vista de Cândido (1998) que a fabulação é presente na natureza humana e que impulsiona a reflexão e a crítica.

Considerando que a ampliação da apreciação para a criação literária dos alunos é importante para a formação, pois apresenta aprendizados de críticas, reflexão, empatia, fruição, alterando os lugares das experiências, mas também construindo essa formação de leitores, além de tornar os alunos autores, destacamos uma fala da professora:

A gente homenageou uma autora. A professora de língua portuguesa daquela turma fez um ano de atividades com eles onde tinham criações literárias dos alunos, então eles fizeram poemas que leram pra própria autora quando ela foi na escola (Professora Liesel).

De outra maneira, segundo Lajolo (1989), para que a obra literária exista é preciso que alguém escreva e outra pessoa a leia. Na escola, as relações sociais acontecem e moldam-se o tempo todo, as relações entre professores e alunos, alunos e alunos, funcionários, familiares, sendo assim um espaço rico para as produções literárias autônomas dos alunos, favorecendo a formação de leitores, a criação artística, as relações sociais, a reflexão dos espaços, situações, a crítica e tomada de atitude para mudanças.

Para o público da EJA, é importante trazer as experiências de vida dos alunos para a escola, valorizar o que eles podem trazer de cultura e conhecimento e transpor em literatura, como nos cordéis, nas canções tradicionais.

A literatura segundo os autores que abordei na minha pesquisa, Lajolo, Cândido não tem um roteiro exatamente definido, a literatura pode ser um conto, um romance reconhecido, mas a literatura também é um cordel. Possibilitar aos alunos da Educação de Jovens e Adultos terem sua criação estimulada é fazer com toda a sua força que o direito à literatura exista realmente na prática.

Para um público, muitas vezes esquecido, invisível na sociedade, o espaço para criar a partir de suas histórias, raízes e cultura é verdadeiramente possibilitar um dos caminhos para uma sociedade mais justa e igualitária. Pois, os forma para entender o mundo, os diferentes pontos de vista e os seus direitos enquanto seres humanos.

Um exemplo muito rico mencionado em uma das entrevistas que trabalha a questão da identidade dos alunos foi relacionado a memória, como diz Liesel:

A gente teve uma outra professora, uma produção biográfica dos alunos...a gente trabalhou o tema memória o projeto anual era memória e essa professora fez um trabalho que era conseguir localizar na história da vida deles onde a escola entrou, onde eles estavam na vida pessoal que cruzava com a história do CIEP... (Professora Liesel).

Diante das falas destacadas acima das professoras entrevistadas ,acerca das possibilidades de produções literárias dos alunos nas escolas foi possível destacar que a autonomia criativa dos alunos também faz parte do processo de formação de leitores literários.

Assim como a apreciação do universo literário, a produção de projetos, poesias, atividades são fundamentais para a garantia do direito a pertencer a este universo, construindo a reflexão, diferentes visões de mundo, autonomia ,aspectos importantes para a formação humana.

CAPÍTULO III

RESULTADOS: A VISÃO DOS DOCENTES SOBRE A FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO NA EJA

Para o início do meu trabalho de monografia para a conclusão do curso de Pedagogia na UFRJ realizei vários momentos de reflexão sobre os meus objetivos da pesquisa e enquanto cursava a disciplina de monografia do curso e recebia a orientação da minha professora decidi que os principais objetivos que eu gostaria de obter como resultados da minha pesquisa seriam:

- Objetivo Geral:

Compreender a formação do leitor literário na Educação de Jovens e Adultos

- Objetivos Específicos:

Identificar e analisar a existência ou não da formação do leitor na EJA

Identificar e analisar quais são as práticas de formação de leitores na EJA

Identificar e analisar as políticas governamentais de apoio a formação do leitor na EJA

Compreender e analisar o que os docentes acreditam ser próprio para a formação do leitor na EJA.

Acerca destes objetivos foi possível elaborar as perguntas que fariam parte do roteiro de entrevista para as professoras.

O objetivo geral era compreender dentro de alguns limites, em relação à opção de uma pesquisa qualitativa como acontece a formação do leitor literário da EJA para este objetivo maior selecionamos aspectos que envolvem a formação de leitores para os objetivos específicos.

As perguntas que compuseram a entrevista para as professoras foram relacionadas às práticas de formação de leitores, políticas públicas de livro e leitura, pesquisar o que professores da EJA pensam sobre a formação de leitores. As entrevistas abertas foram realizadas com duas professoras da EJA, uma delas que ocupou o cargo de Professora orientadora em uma das escolas, e outra professora que ocupa o cargo de professora de sala de leitura.

Ambas as professoras tinham como parte de suas atribuições o papel de construir uma identidade de formação de leitores nas escolas, desempenhando práticas de formação de leitores, conversando com os professores para que estas práticas acontecessem.

A professora Liesel que desempenhava a função de professora Orientadora na entrevista atribuiu em sua função como uma pessoa que instigava os professores para que a formação de leitores dos alunos pudesse acontecer. Sua fala é sobre a importância desta integração, principalmente pela dinâmica das dificuldades encontradas em deixar a sala de leitura aberta em horários mais extensos.

A professora Alice, que trabalha como professora da sala de leitura, também tem como sua função organizar as atividades literárias, projetos, produções e informar aos professores sobre estas atividades ou trabalhar com os professores para atividades em sala de aula de formação literária.

3.1-PRÁTICAS DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Ambas as escolas de acordo com sua realidade, levando em conta suas possibilidades estruturais e funcionais têm práticas de formação de leitores. A prática que esteve em destaque em ambas as escolas foi a de empréstimos de livros. Os empréstimos de livros aconteciam de maneiras diferentes em cada uma das escolas, na escola A1 o funcionamento da sala de leitura era muito dividido durante os turnos, o que dificultava a circulação dos livros com mais frequência. E, na escola B2 por ser uma escola de atendimento específico aos jovens e adultos, era mais restrito a esse público, além dos horários da sala de leitura permitirem uma maior circulação do acervo.

Um fator interessante da pesquisa foi que as práticas de formação de leitores não restringiam-se apenas aos alunos das escolas, os professores também tinham práticas de formação em reuniões na análise de acervo para a compra de livros por exemplo, o que indicou que as práticas ocorriam de forma integrada com todos da escola, alunos, gestão e professores construindo a formação de leitores em seus respectivos espaços.

3.2-POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE LEITORES

Em termos de políticas públicas, segundo à análise de documentos disponibilizados no site do MEC e também acerca das análises das entrevistas, observei que existem esforços do poder público para que este acervo seja garantido aos alunos.

Apesar de a existência de algumas ações podemos verificar segundo as falas das professoras que estas verbas ou livros enviados diminuíram um pouco. Uma das professoras atribuiu esta diminuição à questão da crise no país. Foi interessante perceber nas análises, que mesmo que um plano federal como o do PNBE, ambas as professoras apostaram na importância das verbas destinadas à escola diretamente, destacando a possibilidade da autonomia da comunidade escolar, ou seja, alunos, gestão e professores na escolha destes acervos.

É importante destacar que apesar de a existência da distribuição de acervo de leitura literária, é importante refletir acerca do cenário da formação de professores como leitores que aparecem nas entrevistas, quando perguntamos sobre a formação dos professores com relação à leitura literária percebemos e as professoras afirmaram que muitos aprendem no exercício da docência.

Por experiência própria neste momento de término da graduação posso confirmar que a formação literária para professores precisa de mais atenção no currículo, para que os professores saiam preparados e conhecendo a importância da formação literária dos alunos

Afirmo também a importância da possibilidade da formação continuada aos professores em serviço. É preciso e é muito importante que exista acervo de qualidade em todas as escolas, assim como salas de leitura com profissionais disponíveis, mas, para que a formação aconteça em todos os lugares além destas ferramentas, é necessário formar bons profissionais, sendo a formação de professores leitores uma dimensão fundamental para que possamos um dia afirmar a existência de um país leitor, com cidadãos autônomos e emancipados.

Concluo que, apesar de a existência de políticas públicas de livro e leitura, estas mesmas políticas precisam melhorar, ou serem reformuladas ou que sejam criadas novas políticas, sempre ouvindo o que os profissionais de educação têm a dizer no contexto da escola e como mostram os dados das entrevistas valorizando a autonomia das escolas, lhes dando voz e dando voz aos alunos em suas diferentes realidades e culturas para que esta formação seja efetiva em todos os espaços escolares do país.

3.3-FORMAÇÃO DE LEITORES

Em ambas as entrevistas realizadas as professoras apresentaram falas que têm relação com os autores que foram selecionados como aportes teóricos para a pesquisa. Como resultados podemos articular as ideias de alguns autores com as respostas que aparecem nas entrevistas das professoras Liesel e Alice.

A necessidade de realizar um trabalho que valorize a formação de leitores na Educação de Jovens e Adultos na escola A1, articulado ao pensamento de Antônio Cândido que defende a literatura como um direito humano, portanto, indispensável.

Petit em um trecho (2013) concordando com Cândido confirma que a Literatura independe de grupos sociais, o que foi relacionado com a EJA. A autora afirma que o lugar social não importa quando se trata do quanto é fundamental a formação literária das pessoas. Nas entrevistas fica evidente que a formação de leitores na EJA precisa ser contextualizada na realidade dos alunos e na valorização da cultura deste grupo.

Quando foram questionadas sobre as políticas de livro e leitura que existiam para a EJA, como acesso dos alunos aos livros, a professora responde que existiam políticas de livros que chegam nas escolas e verbas que são destinadas diretamente para as escolas, ou seja, a gestão, professores e alunos podem escolher seu próprio acervo. E destacou que as verbas destinadas eram uma forma interessante de política como trecho abaixo:

Eu vejo por esse lado, eu acho que ter a oportunidade de escolher quais livros você quer comprar essa autonomia da escola junto com a comunidade e os alunos favoreceu também todo esse envolvimento (Professora Liesel).

Estes exemplos confirmam a existência do compromisso de ambas as escolas com a formação de leitores. Pode-se afirmar, segundo as análises realizadas, que existe projeto para a formação de leitores destes alunos, projetos que estão nas escolas com reflexões das escolas como um todo. O esforço para efetivamente realizar a formação de leitores destes alunos encontra-se no afinamento das ideias dos teóricos disponíveis sobre Literatura e os esforços de desenvolver práticas que possibilitem que esta formação e tornem-se uma realidade diária nas escolas.

3.4-PRODUÇÕES LITERÁRIAS

Nas entrevistas realizadas foi questionada sobre as produções dos alunos referentes às leituras literárias e como parte da formação de leitores. Existem em ambas as escolas produções literárias que são importantes para a formação da autoria dos alunos.

As atividades da escola A1 foram relatadas como iniciativas mais individuais de alguns professores. Apesar de o profissional da sala de leitura não estar em maior destaque, a professora Liesel era quem realizava o trabalho de integrar a escola no trabalho de formação de leitores, conversava em reuniões sobre a formação de leitores, que disponibilizava textos, selecionava acervo com os docentes para incentivar as produções literárias.

Na escola A2 da professora Alice, as atividades que resultam nas possibilidades dos alunos produzirem no âmbito da literatura são organizadas por ela que tem a função de professora da sala de leitura que ficam disponíveis para os professores com acesso ao calendário de informações das atividades da sala de leitura.

De ambas as formas os espaços de produções literárias dos alunos existiam nas duas escolas, através de atividades em sala, rodas de leitura, concursos de poesia ou redações, o que é um resultado favorável às reflexões teóricas realizadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do leitor literário é fundamental em qualquer modalidade de Educação, na Educação de Jovens frequentemente a alfabetização tem um grande espaço na formação destes alunos.

A pesquisa realizada concluiu, a partir das entrevistas com as duas professoras, que existem práticas diversificadas de formação literária para alunos da EJA, que podem ser expressas em acervos, gêneros textuais diversos, contextos interessantes e que dialogam com a realidade destes educandos.

As professoras com as quais a pesquisa foi realizada indicam trabalhos importantes de formação de leitores na EJA em duas escolas e indicam que deveriam ser exemplares de práticas, reflexões para o projeto político pedagógico de todas as escolas de EJA e de outras modalidades.

As práticas da escola são alicerces para a formação literária dos alunos na EJA, as políticas públicas são fundamentais para que o acesso a qualidade literária seja garantido, e estas políticas não podem apenas serem passadas de uma instituição mais ampla para as escolas, elas devem pensar o que cada escola precisa, se é melhor que sejam destinadas verbas para a escolha dos professores.

Um ponto importante que pode vir a ser um trabalho posterior é a formação dos professores em relação à leitura literária. As entrevistas apontaram uma formação literária dos professores aprendida no exercício da docência, algumas vezes com um professor que orienta esta sensibilização e esta formação no fazer docente, ou seja, no campo de trabalho.

É importante que os professores, independentemente de com quais alunos irão trabalhar, tenham a formação literária como parte do currículo da graduação, para que o

trabalho nas escolas não venha de apenas um professor que tem esta formação, quando existe algum, que este trabalho seja entendido pelos docentes como parte de suas atribuições como professor, pensar na formação literária de seus alunos.

Os espaços de produções literárias dos alunos precisam crescer, com feiras literárias, rodas de leitura, saraus literários, garantindo autonomia, criação e reflexão, questões estas desenvolvidas quando existe uma formação literária de qualidade.

Acerca dos objetivos da minha pesquisa, que eram compreender a formação de leitores na Educação de jovens e adultos, afirmo que existem espaços que possuem um projeto político pedagógico que valoriza a formação de leitores, com práticas que são como ponte para esta formação.

Apesar de existirem algumas políticas públicas que estão como um suporte de acervo de qualidade literária para os alunos da Educação de Jovens e Adultos, estas políticas precisam crescer mais, principalmente da maneira como são realizadas, priorizando por exemplo a autonomia das escolas e dos professores que trabalham nas escolas. Assim como a atenção a formação dos futuros professores em relação a aprendizagem do que é formação de leitores e valorização dos profissionais que trabalham diretamente na integração da formação de leitores nas escolas, os professores de sala de leitura, os gestores que precisam desempenhar um papel de colocar em prática com os professores o Projeto Político Pedagógico da escola.

Concluo que minha pesquisa pode vir a inspirar outros a fazer levantamentos mais extensos acerca da formação de leitores na EJA, talvez por meio de pesquisa quantitativa para mostrar o cenário mais amplo para futuras políticas públicas que ajudem a ampliar a valorização do leitor literário na Educação de Jovens e Adultos.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. PORTAL MEC. PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA.

Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>.

Acessado em: 26 de Maio de 2017.

BRASIL. PORTAL DO FNDE. HISTÓRICO. Disponível em:

<<http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/biblioteca-na-escola/historico>> Acessado em: 26 de Maio de 2017.

BRASIL. PORTAL MEC. PROGRAMA NACIONAL BIBLIOTECA NA ESCOLA.

Disponível em : <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>.

Acessado em: 26 de Maio de 2017.

BRASIL. PORTAL MEC. Parecer CNE/CEB n.º 11/2000. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: Conselho Nacional de Educação, 2000. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>.

Acessado em: 20 de Maio de 2017.

BRASIL. PLANALTO. Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm>

Acessado em 13 de Maio de 2016.

CADEMARTORI, L. O que é Literatura Infantil. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

CÂNDIDO, A. O direito à Literatura. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CURY, C. R. J. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GONÇALVES, Gicélia; CUNHA, Jaisse M. Souza. Ensino de Literatura na EJA e sua relevância para o desenvolvimento crítico e reflexivo dos educandos. Revista Discentis. 3ª Edição. Dezembro de 2014.

IVENICKI, A. & CANEN, A. G. - Metodologia da Pesquisa: rompendo fronteiras curriculares. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016.

LAJOLO, M. O que é literatura. 7. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1989.

LAJOLO, M., ZILBERMAN, R. Literatura infantil brasileira: história & histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PETIT, M. Leituras: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

REYES, Y. Ler e brincar, tecer e cantar: Literatura, escrita e educação. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

ANEXOS : ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- 1- Quais são as práticas de formação do leitor existentes na escola?
- 2- Como as políticas de livro e leitura contribuem para a formação do leitor, por exemplo o PNBE? E como, atualmente, o PNBE ou outros recursos estão sendo destinados para a EJA?
- 3- Em relação aos docentes da instituição, qual a formação deles quanto à leitura literária?
- 4- Como eles veem a formação do leitor literário na escola e no trabalho pedagógico com a EJA? O acervo de leitura literária costuma ser incorporado à prática pedagógica dos docentes? Se sim, de que forma e com que frequência?
- 5- Qual a concepção da importância da formação do leitor literário no PPP da escola? Sugiro: O PPP da escola contempla o trabalho com a formação do leitor literário? Se sim, baseado em que concepção? E de modo isto acontece no cotidiano escolar? Há ações sistemáticas em relação à formação do leitor literário?
- 6- Quais são os critérios de qualidade para a escolha das obras literárias utilizados para desenvolver a formação de leitor nos alunos?
- 7- Os alunos possuem espaço para a produção de suas próprias produções literárias? Como acontece este espaço de produção?
- 8- De que modo os estudantes da EJA costuma ter acesso ao acervo? Que orientações eles recebem para pegar o livro ou para desistir dele?